

ANÁLISE DE SESSÕES DE INTERVENÇÃO DE PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

George de Abreu Santos¹, Ugo Morais¹, Mariana Costa Gama¹, Aurea Mineiro¹, Fabrício Madureira¹

1 – Universidade Metropolitana de Santos – FEFIS/UNIMES

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar as características temporais de execução de sessões de programas de EF escolar e comparar a magnitude de envolvimento em diferentes variáveis temporais das estruturas das sessões coletadas. Foram escolhidas duas escolas da rede municipal de São Vicente para terem suas aulas filmadas e analisadas. O foco das filmagens não foram as crianças, mas o decorrer das aulas. As variáveis temporais das estruturas das sessões investigadas foram: instrução, organização, atividade, água e transição. Os resultados gerais das duas escolas apresentaram 42% de atividade, mas nem todas as crianças estiveram envolvidas, é os outros 58% foram dedicados a instrução (11%), organização (22%), hidratação (7%) e transição (18%). Com isso podemos refletir se o tempo dos aspectos investigados poderiam ser maximizados ou minimizados? Seria possível maximizar o tempo de execução da atividade? Quanto tempo a aula de educação física deve ser destinada a prática e aprendizagem ativa, a fim de promover aprendizagens significativas? E pensando em saúde o tempo é suficiente para promoção dela? Poderia ser reduzido o tempo de transição? O tempo usado pelo professor poderia ser usufruído em outros aspectos nas sessões a fim de otimizar a aula? Outro ponto que podemos refletir é, as condições investigadas foram planejadas pelo professor?

Palavras-chave: Aula, Professor, Educação Física, Desenvolvimento



HIGEIA@
ISSN - 2525-5827

REVISTA CIENTÍFICA DAS FACULDADES
DE MEDICINA, ENFERMAGEM, ODONTOLOGIA,
VETERINÁRIA E EDUCAÇÃO FÍSICA.





HIGEIA@
ISSN - 2525-5827

REVISTA CIENTÍFICA DAS FACULDADES
DE MEDICINA, ENFERMAGEM, ODONTOLOGIA,
VETERINÁRIA E EDUCAÇÃO FÍSICA.



SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
2	OBJETIVO.....	6
3	METODOLOGIA.....	6
4	RESULTADOS.....	7
5	DISCUSSÃO.....	11
6	CONCLUSÃO.....	13
7	REFERÊNCIAS.....	14

1 INTRODUÇÃO

Para, Mattos, (2003); Gallardo, (2003) e Anjos, (2013), a Educação Física Escolar (EFE) une aspectos físicos, mentais e sociais, bem como desenvolve todo o potencial do educando, pois educa através do movimento. Corroborando com as afirmativas anteriores, Tani (1991), já descrevia que o desenvolvimento das habilidades básicas, se trabalhadas de forma adequada, têm potencial para desenvolver outros aspectos não inerentes ao movimento, como: a socialização e o desenvolvimento afetivo-emocional e, portanto, decisivos em programas de EFE. Para Sayão, (2002) a Educação Física Escolar tem enfrentado muitas mudanças no teor de abordagem metodológica e em seu panorama, com isso, diversos teóricos discorrem sobre objetivos distintos, sendo eles: integração social, esporte de alto rendimento, lazer, a melhoria da saúde.

Segundo Guedes & Guedes, (1997) ainda que a formação educacional, visando a promoção da saúde, não seja o único objetivo da EFE, o fato dos alunos terem acesso a uma gama de informações e experiências que venham a permitir independência quanto a prática da atividade física durante sua vida, se caracteriza como importante consequência da qualidade e do êxito de seus programas de ensino. No entanto, 20 anos depois, a reflexão descrita acima ainda parece atual, como exemplo o trabalho apresentado por Messias, Mineiro e Madureira, (2019) no qual os autores propõem um modelo de avaliação para programas de EFE focado centralmente no acompanhamento de níveis de aptidão relacionados à saúde, com o intuito de conscientizar a sociedade (escola, tutores e educandos) sobre os problemas emergentes desta nova sociedade.

A prática da Educação Física (EF) é justificada no currículo escolar, por diversos motivos, dentre eles estão: o estímulo da capacidade cognitiva (LEITÃO, 2006; DANIEL, 2013); o desenvolvimento e ampliação das habilidades motoras, a comunicação, concentração, expressão entre outras (NETO, 2010; MEDINA-PAPST, 2010); potencialização de níveis mínimos de aptidões físicas voltadas a saúde (MINEIRO & COLANTONIO, 2018).

De acordo com Leitão, (2006) e Daniel, (2013), quando o educador trabalha para o desenvolvimento cognitivo de seus alunos, percebe que essas atividades contribuem para que os mesmos, nas aulas de Educação Física, tomam consciência e refletem sobre o proposto para atividades corporais tornam-se conceituais.

Os autores Neto & Medina-Papst, (2010) argumentam que quando se trata do desenvolvimento das habilidades motoras há correlação com a dificuldade de aprendizagem e desempenho escolar. Outro estudo encontrado na literatura acadêmica, que condiz com essa afirmativa é dos autores Fin e Barreto, (2010). Em sua amostra, composta por 60 escolares (71,7% do sexo masculino e 28,3% do sexo feminino), avaliadas pela Escala de Desenvolvimento Motor (EDM) (NETO, 2002), os resultados demonstraram que: 38,3% dos escolares apresentaram índices classificados como: Normal Médio, 36,7%, como: Normal Baixo, e 20% Inferior e 5%. como: Muito Inferior. Com essa análise pode-se confirmar a relação existente entre dificuldades de aprendizagem e o desenvolvimento motor das crianças investigadas; já que a maioria desses escolares apresentou algum nível de atraso motor, em uma média de atraso de 15 meses.

Na visão de Barnett et al, (2008) há uma relação positiva quanto a proficiência motora e atividades cognitivas e ainda relata a importância de um programa que equilibre a aquisição de habilidades e com a prática de atividade física relacionada à saúde.

Para laochite, (2018) no âmbito escolar, o professor, conhecedor das práticas de desenvolvimentos das habilidades tanto cognitivas quanto motoras e físicas, é o responsável por fazer a mediação entre o como, o por quê, para quem e o que deve ser ensinado nas aulas. Ainda cabe ao professor observar se sua prática pedagógica resultou de forma positiva quando for possível a ele, mensurar se houve maior envolvimento, melhoria das habilidades, capacidades e persistência de seus alunos para resolverem desafios. Com isso, o professor terá uma visão de que seus esforços foram válidos e seu desempenho como docente melhorou.

Considerando os artigos apresentados acima, pode-se entender que a Educação Física tem grande influência sobre com a saúde, tanto fisicamente quanto da parte cognitiva dos alunos. Em função disso, deve-se refletir sobre as estruturas das aulas de EFE, mais especificamente, como as mesmas devem ser elaboradas levando em consideração os aspectos de: tempo de instrução, tempo de atividades propriamente ditas, organização, entre outros; permitindo assim, ao professor, refletir com mais lucidez a interação entre meta pretendida e realidade vivida.

2 OBJETIVO

Analisar as características temporais de execução de sessões de um programa da EF Escolar.

Comparar a magnitude de envolvimento em diferentes variáveis temporais das estruturas das sessões coletadas.

3 METODOLOGIA

Foram escolhidas pelos pesquisadores duas escolas da rede municipal de São Vicente, dessas duas escolas, 4 estagiários do 6º semestre do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) foram selecionados para terem suas aulas filmadas. Todos são participantes do Projeto Residência Pedagógica, financiada e desenvolvida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Este estudo tem caráter descritivo, pois descreve as características dos programas escolares de escolas municipais de ensino Fundamental I (FI).

Foi coletado e avaliado 2 escolas, 4 aulas cada, totalizando 8 aulas de EF do FI com duração média de 40 minutos, cada aula possuindo, em média, 25 alunos. O foco das filmagens não foram as crianças, mas o decorrer da aula. Foi utilizado como instrumento de avaliação para a gravação dos vídeos através da câmera da marca Hp do modelo Digital câmera d3000 e pelos aparelhos celulares da marca Samsung

Galaxy J4 e J6 Plus. A câmera e os celulares foram posicionados na linha divisória, fora da quadra de maneira que pudesse captar todo o espaço que foi utilizado para a aula. O celular na escola pública 2 (P2) ficou acompanhando a aula de acordo com o direcionamento do pesquisador e a câmera e o celular na escola pública 1 (P1) ficou fixa de modo que capitasse todo o espaço.

Após a coleta de dados, os vídeos foram analisados por outro pesquisador, que foi observada com o vídeo pausado, quando necessário, na necessidade de anotar o tempo preciso dos aspectos investigados. Para os resultados, foram utilizados a média e desvio temporal detectados pelo avaliador para registrar descritivamente a frequência temporal das variáveis investigadas.

As variáveis temporais das estruturas das sessões investigadas foram: Instrução (**INST.**), Organização (**ORG.**), Atividade (**ATV.**), Água (**ÁGUA**) e Transição (**TRANS.**). **INST.** = Tempo em que o professor usou para explicar o que deve ser feito, as demonstrações de exercícios e fornecendo feedbacks para os alunos de maneira geral; **ORG.** = Tempo utilizado para organizar materiais, formação de grupos e resolução de conflitos; **ATV.** = Tempo que o professor dedicou para envolvimento na atividade, sendo esse aspecto representando a parcela dos alunos em movimento e aguardando; **ÁGUA** = Tempo de parada para hidratação; **TRANS.** = Tempo de transição da sala para a aula e da aula para a sala.

4 RESULTADOS

Tabela 1. Apresentação em segundos das aulas das escolas públicas (P1 e P2) em média e desvio padrão coletadas.

	INST.	ORG.	ATV.	ÁGUA	TRANS.
MÉDIA	249,37	504,14	965	156	433
DESVIO PADRÃO	137,54	193,56	393,72	103,86	205,81

INSTRUÇÃO (tempo do professor dando instrução explicando o que deve ser feito); **ORGANIZAÇÃO** (tempo que o professor leva para organizar os materiais e formação dos alunos); **ATIVIDADE** (tempo de execução da atividade); **ÁGUA** (tempo para beber água); **TRANSIÇÃO** (tempo de ida da sala para a aula e vinda da aula para a sala).

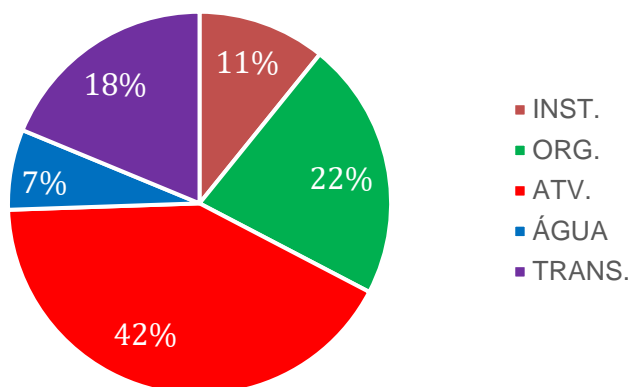


Gráfico 1. Apresentação em porcentagem das médias das duas escolas (P1 e P2).

Os dados acima indicam que, em média, 42% do tempo das duas escolas foi dedicado a atividade, mas nem sempre as crianças ficaram em movimento e os outros 58% foram utilizados para instrução (11%), organização (22%), hidratação (7%) e transição (18%). Simons-Morton et al. (1993), foi encontrado em instrução e administração, 13% e 21% respectivamente. Entretanto, não é possível dizer se o tempo dessas variáveis obtiveram qualidade de ensino para

Tabela 2. Apresentação em segundos das aulas da escola P1 em média e desvio padrão coletadas.

	INST.	ORG.	ATV.	ÁGUA	TRANS.
MÉDIA	299,75	496,25	930	127,25	528
DESVIO PADRÃO	156,29	232,63	462,45	106,66	247,14

INSTRUÇÃO (tempo do professor dando instrução explicando o que deve ser feito); **ORGANIZAÇÃO** (tempo que o professor leva para organizar os materiais e formação dos alunos); **ATIVIDADE** (tempo de execução da atividade); **ÁGUA** (tempo para beber água); **TRANSIÇÃO** (tempo de ida da sala para a aula e vinda da aula para a sala).

as crianças.

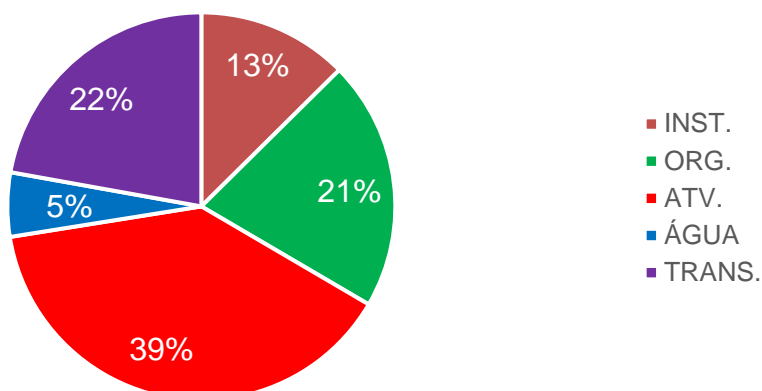


Gráfico 2. Apresentação em porcentagem das médias da escola P1.

A média das variáveis da P1 apresentam que as atividades utilizaram 39% da aula, abaixo da média das aulas das duas escolas juntas (42%). Os outros 61% foram as demais variáveis onde: instrução e transição foram acima da média das duas escolas, 13% e 22% respectivamente; já a hidratação e organização demonstram resultado abaixo das duas escolas, 5% e 21%. No trabalho de Carniel & Toigo, (2003), a instituição obteve 8,6%, administração 16,5% e aprendizagem ativa teve 29,9% ressaltando que esse estudo teve tempo de espera ocupou 44,9% da aula, em Gasparetto, (2014), o tempo de instrução teve 48,28%, administração obteve 28,20% e a prática de atividade 22,31%

Tabela 3. Quantidade de tempo em segundos para as diferentes condições de investigação em quatro aulas (A1, 2, 3 e 4) da escola P1.

	INST.				ORG.				ATV.				ÁGUA				TRANS.			
	A1	A2	A3	A4	A1	A2	A3	A4	A1	A2	A3	A4	A1	A2	A3	A4	A1	A2	A3	A4
TEMPO(S)	383	361	389	66	474	751	567	193	617	455	1.259	1.388	261	0	120	128	769	713	305	325

Tabela 4. Apresentação em segundos das aulas da escola P2 em média e desvio padrão coletadas.

	INST.	ORG.	ATV.	ÁGUA	TRANS.
MÉDIA	199	434,25	1.106	185,5	310,75
DESVIO PADRÃO	113,78	175,33	356,73	107,37	79,35

INSTRUÇÃO (tempo do professor dando instrução explicando o que deve ser feito); **ORGANIZAÇÃO** (tempo que o professor leva para organizar os materiais e formação dos alunos); **ATIVIDADE** (tempo de execução da atividade); **ÁGUA** (tempo para beber água); **TRANSIÇÃO** (tempo de ida da sala para a aula e vinda da aula para a sala).

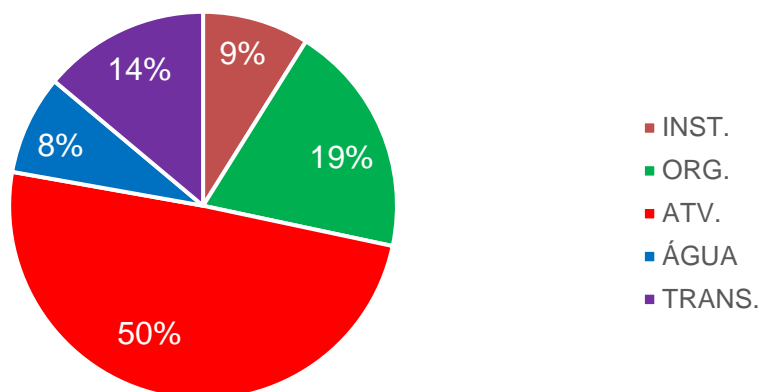


Gráfico 3. Apresentação em porcentagem das médias da escola P2.

Já o gráfico da escola P2 demonstra que as atividades ocuparam 50% da aula, acima da média das duas escolas juntas. Nos outros 50%, a maioria das variáveis: (instrução 9% , organização 19% e transição 14%) obtiveram resultados a baixo, já em hidratação apresentou resultado pouco acima da média das duas escolas, onde a média das duas foi de 7% e da P2 foi de 8%, uma margem não muito distante da média geral das duas escolas. Costa & Toigo, (2012) identificaram 48,08% em aprendizagem ativa, 9,85% em instrução, administração 18,35%, Fortes et al, (2012) observou 22,2% em instrução 22,9%.

Tabela 5. Quantidade de tempo em segundos para as diferentes condições de investigação em quatro aulas (A1, 2, 3 e 4) da escola P2.

AULAS	INST.				ORG.				ATV.				ÁGUA				TRANS.			
	A1	A2	A3	A4	A1	A2	A3	A4	A1	A2	A3	A4	A1	A2	A3	A4	A1	A2	A3	A4
TEMPO(S)	95	361	163	177	697	337	356	347	1.170	1.140	1.487	625	55	304	150	233	323	258	244	418

Tabela 6. Comparação entre a magnitude de tempo da soma das variáveis investigadas entre as escolas P1 e P2).

	INST.	ORG.	ATV.	ÁGUA	TRANS.
TOTAL (ESC 1)	796	1737	4422	742	1243
TOTAL (ESC 2)	1199	1985	3719	509	2112
DIF (%)	33,61	12,49	15,89	31,4	41,14

A tabela 6 mostra a soma das variáveis temporais das estruturas das sessões das duas escolas, e com esse total, comparou entre elas a magnitude de tempo. Identificou-se que a instrução, a hidratação e a transição obtiveram uma diferença

superior a 30%, onde o tempo da escola P2 foi superior nas variáveis instrução e transição e apenas a hidratação foi superior na escola P1.

5 DISCUSSÃO

Diante dos resultados obtidos pela análise observacional das sessões de intervenção de EF escolar em crianças do FI, podemos refletir sobre múltiplos aspectos.

Entre eles o tempo de atividade, Carniel e Toigo (2003) investigaram que 29,9% do total da aula foi dado ao envolvimento na atividade, Simons-Morton, Taylor, Snider, Huang e Fulton, (1994) nos Estados Unidos (EUA) obterão resultados parecidos, que foram utilizados 27% do tempo em envolvimento na atividade, a quantidade média de atividade física observada nesta amostra regional de escolas foi menor que a média nacional, que tem como recomendação, exigindo um mínimo de 50%. Em paralelo o presente estudo identificou 42% do tempo médio geral das duas escolas em atividade, que comparado com o resultado obtido pela pesquisa supracitada de 27%, apresenta supostamente uma melhor usabilidade do tempo, pois deve-se pensar que os resultados de 42% representam a parcela dos alunos em movimento e esperando), em comparação com a recomendação mínima de 50%, Com o tempo da média geral de 42% das duas escolas e da P1 que foi de 39% em atividade, apresentam estar a baixo da recomendação nacional dos EUA, segundo Simons-Morton et al (1994). Já a P2 verificou 50% do tempo médio total em atividade, vale ressaltar que esse aspecto investigado representa não apenas engajamento mas também a espera na atividade com isso pode-se dizer supostamente que corresponde com os parâmetros definidos em 1994 nos EUA, um outro achado semelhante, Da Costa, (2012) observou, 48,1% do tempo total foi destinado a aprendizagem ativa, existindo uma pequena diferença temporal para cumprir as recomendações definidas em EUA, segundo Simons-Morton et al (1994) há 25 anos atrás.

Tempo de organização foram destinados 22% da média geral das duas escolas, a P1 mostrou 21% e a P2 19% onde os resultados obtidos da P1 e P2 apresentaram correlação, diversos estudos mostraram parâmetros semelhantes com os achados, Simons-Morton, Taylor, Snider & Huang, (1993) 21% administração Simons-Morton, Taylor, Snider, Huang e Fulton, (1994) administração em 22%, Da Costa, (2012) de 18,35% foi para o tempo de administração, Fortes et al (2012) identificou, gerenciando a aula 22,9%, Já em Carniel & Toigo (2003) observou, administração de 16,5%, este trabalho apresenta uma pequena diferença com os achados e os estudos citados.

Tempo de instrução investigado pelos pesquisadores foi de 11% do tempo da média geral das P1 e P2, a P1 apresentou 13% e a P2 9% de instrução, Simons-Morton, Taylor Snider & Huang (1993) observou que 13% do tempo total foram para instrução, Carniel & Toigo (2003) apresentou instrução de 8,6%, Da Costa, (2012) o tempo de instrução representou 9,85%, dados esses que corroboram com os achados do estudo presente, em outros trabalhos como de Simons-Morton, Taylor, Snider, Huang e Fulton, (1994) 26% foram destinados a instrução, Fortes et al, (2012) encontrou, instrução de 22,2%, trabalhos esses que apresentaram um tempo maior no aspecto instrução que os resultados obtidos e das pesquisas citadas acima.

Tempo de transição da média geral das duas escolas de 18% do tempo total, P2 apresentou 14%, já P1 teve como resultado 22% do tempo de transição o que é quase o dobro do tempo da P2, vale a pena refletir se seria possível reduzir esse tempo? Talvez adotar estratégias seguras para transição das crianças, a fim de um melhor aproveitamento da aula.

Com isso podemos refletir se o tempo dos aspectos investigados poderiam ser minimizados ou maximizados? Seria possível maximizar o tempo de execução da atividade? Quanto tempo a aula de educação física deve ser destinada a prática e aprendizagem ativa, a fim de promover aprendizagens significativas? E pensando em saúde o tempo é suficiente para promoção dela? Poderia ser reduzido o tempo de transição? O tempo usado pelo professor poderia ser usufruído em outros

aspectos nas sessões a fim de otimizar a aula? Outro ponto que podemos refletir é, as condições investigadas foram planejadas pelo professor?

6 CONCLUSÃO

Diante desse estudo pode-se concluir que a maior parte do tempo das duas escolas (58%) foram investidos nos aspectos: Instrução (11%), Transição (18%), Organização (22%), beber água (7%). Já 42% do tempo médio total de 40 minutos foram dedicados as atividades físicas, no entanto, deve-se ressaltar dois pontos importantes: o primeiro é que neste quesito atividades, nem sempre as crianças estavam em movimento e finalmente, o segundo ponto a ser destacado é que faltam informação acadêmicas que direcionem professores para magnitudes temporais assertivas nestas atividades investigadas.

7 REFERÊNCIAS

ANJOS, Jairo Alves dos. A importância das atividades lúdicas nas aulas de educação física no processo ensino aprendizagem. 2013.

BARNETT, L. M.; BEURDEN, E. V.; MORGAN, P. J.; BROOKS, L. O.; BEARD, J. R. (2008). Does childhood motor skill proficiency predict adolescent fitness? *Medicine and science in sports and exercise*. 40.12: 2137-2144.

CARNIEL, Manoela Zanella; TOIGO, Adriana Marques. O tempo de aprendizagem ativo nas aulas de Educação Física em cinco escolas particulares de Porto Alegre, RS. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 3, n. 3, 2003.

DA COSTA, Thaís Aragão; TOIGO, Adriana Marques. Estudo comparativo sobre o aproveitamento do tempo nas aulas de educação física escolar em uma escola da rede pública estadual e em um programa de atividade física extraclasse da rede pública municipal da cidade de Canoas, Brasil. *Pensar a Prática*, v. 15, n. 4, 2012.

DANIEL, J. V. (2013). Implicações da Educação Física no Desenvolvimento Cognitivo: uma revisão. *Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires)*, v. 18, p. -, 2013.

DE OLIVEIRA FORTES, Milena et al. A Educação Física escolar na cidade de Pelotas, RS: contexto das aulas e conteúdos. *Journal of Physical Education*, v. 23, n. 1, p. 69-78, 2012.

FIN, Gracielle; BARRETO, Dagmar Bittencourt Mena. Avaliação motora de crianças com indicadores de dificuldades no aprendizado escolar, no município de Fraiburgo, Santa Catarina. *Unoesc & Ciência-ACBS*, v. 1, n. 1, p. 5-12, 2010.

GALLARDO, Jorge Sergio Pérez et al. Educação física escolar: do berçário ao ensino médio. Editora Lucerna, 2003.

GASPARETTO, Sabine Rocha. O gerenciamento do tempo das aulas de educação física no ensino médio. 2014.

GUEDES, J. E. R. P.; GUEDES, Dartagnan Pinto. Características dos programas de educação física escolar. Revista Paulista de Educação Física, v. 11, n. 1, p. 49-62, 1997.

IAOCHITE, T.R.; A prática pedagógica em Educação Física Escolar: um olhar a partir da teoria social in Teoria social cognitiva e educação física. Tikinet Edição, 2018

LEITÃO, Marcelo Crepaldi et al. Jogos e atividades lúdicas nas aulas de educação física: contribuições para o desenvolvimento cognitivo da criança. 2006..

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física Infantil: construindo o movimento na escola. 1998..

MEDINA-PAPST, Josiane; MARQUES, Inara. Avaliação do desenvolvimento motor de crianças com dificuldades de aprendizagem. Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano, v. 12, n. 1, p. 36-42, 2010.

MESSIAS, JOSÉ VÍTOR LAMOSA PRADO; MINEIRO, AUREA DOS SANTOS; MADUREIRA; FABRÍCIO. Proposição de um modelo de avaliação para mensuração dos efeitos da educação física escolar. UNIMES, 2019.

MINEIRO, Aurea et al. Efeito do treinamento pliométrico em meio líquido nas modificações morfofuncionais de adolescentes atletas. RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 10, n. 36, p. 34-40, 2018.

NETO, Rosa et al. A Importância da avaliação motora em escolares: análise da confiabilidade da Escala de Desenvolvimento Motor. Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum, v. 12, n. 6, p. 422-427, 2010.

ROSA NETO, F. Manual de avaliação motora. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

SAYÃO, T. S. (2002). Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 23, n. 2, p. 55-67, jan. 2002.

SIMONS-MORTON, B.G.; TAYLOR, W.C.; SNIDER, S.A.; HUANG, I.W.; FULTON, J.E. Observed levels of elementary and middle school children's physical activity during physical education classes. Preventive Medicine, 23:437-441, 1994



TANI, G. Perspectivas para a educação física escolar. Revista Paulista de Educação Física, v.5, n.1